



WILSON AUDIO SASHA DAW NA MÚSICA A EMOÇÃO É A MADRE DE TODAS AS COUSAS

Jorge Gonçalves

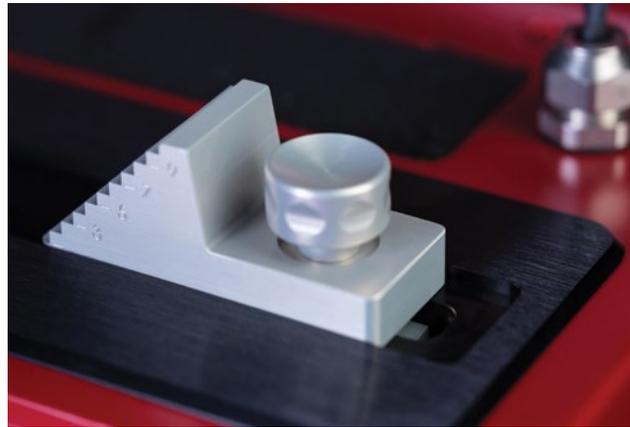
Para os leitores mais atentos é fácil constatar que este é o meu quarto momento alargado de contacto com umas colunas da Wilson Audio. E, como todos nós sabemos, a última novidade é sempre a melhor, por isso seria para mim muito fácil exarar aqui o veredicto de que estas são as melhores Wilson que já ouvi e teria assim batido o recorde do teste mais curto alguma vez escrito, por mim ou por qualquer outro crítico.

Mas, independentemente da validade do comentário acima sugerido, isso seria colocar as coisas num patamar demasiado simplista, porque as Sasha DAW são um produto muito especial e significativo dentro da gama da Wilson. E, para além do facto de em termos da gama as Sasha estarem como que encaixadas entre dois produtos radicalmente novos, as Sabrina, de preço mais baixo, e as Alexia 2, no pa-

tamar de preços superior, a razão mais forte para este cariz tão especial das Sasha DAW reside de modo ineludível no seu nome. De facto, a referência DAW é a combinação das três iniciais do fundador da Wilson Audio, Dave Andrew Wilson, o qual faleceu recentemente. E que melhor homenagem por parte do seu filho para com o homem que teve a coragem de colocar no mercado um dos produtos mais disruptores do seu tempo, as Watt Puppy, do que colocar o seu nome numa colunas de alto gabarito? Foi isso que o seu filho, Daryl Wilson, agora a dirigir a empresa, pensou e tratou rapidamente de pôr mãos à obra. E vamos ver que as Sasha DAW são umas colunas radicalmente novas, quase como se Daryl não quisesse colocar neste novo modelo nada das anteriores Sasha.

Descrição técnica

Daryl olhou para as Sasha DAW como se fossem um projecto totalmente novo,



transformando o seu desenvolvimento numa das mais ambiciosas tarefas levadas a cabo na história da Wilson e aplicando muitos dos avanços tecnológicos postos em campo quando do desenho das Alexia 2. Liderada por Vern Credille, a equipa de desenvolvimento começou por criar um novo *woofer* de 8 polegadas, desenhado para se ajustar aos requisitos específicos da nova câmara de graves das Sasha, em cuja fabricação se utiliza o conhecido material X mas formando agora paredes mais espessas. O volume desta câmara foi aumentado em cerca de 13% e foram igualmente colocadas aberturas nas lâminas de suporte da parte superior que aloja os altifalantes de médios e agudos, de modo a evitar pontos de pressão resultantes de efeitos de cavitação no espaço entre os dois blocos. Por outro lado o pórtico tem um formato que reduz a turbulência a valores quase nulos. O painel frontal de fixação do *woofer* é inclinado para trás, facilitando a integração temporal das duas unidades de graves com as que estão inseridas no módulo superior.

O módulo superior foi igualmente redesenhado, com painéis mais espessos e um padrão interno recortado, de formato optimizado para minimizar as reflexões internas, ao mesmo tempo que o volume

foi aumentado em 10,2%. As unidades de médios e de agudos são as mesmas já utilizadas nas famosas WAMM Master Chronosonic, e o *crossover* é completamente novo, completando assim o leque de mudanças. Na estrutura da caixa, como já mencionado, utiliza-se o material X para o módulo/caixa de graves e o material S no módulo de médios e agudos. Como se tudo isto não fosse suficiente, a equipa de engenharia da Wilson resolveu remodelar os terminais de ligação, os quais passaram a ser mais fáceis de apertar à mão e aceitam bananas; e o ajuste do atraso de grupo, uma característica icónica da Wilson, ficou mais fácil de implementar sem necessidade de ferramentas especiais. Continuando a descrição das melhorias, destaca-se o facto de a tampa de vidro temperado da cavidade onde estão colocadas as resistências de agudos poder ser retirada manualmente e sela de maneira perfeita essa mesma concavidade.

A tentar resumir todas as alterações diria que: em relação à caixa dos altifalantes de graves, fabricada no material X, temos um novo altifalante de 8 polegadas resultante do utilizado nas Alexia 2, com alterações; uma caixa super-rígida de seis lados, com o painel frontal inclinado para trás em três graus; volume aumentado

em 13,3%; *spikes* e díodos maiores; tampa de vidro temperado para as resistências de agudos; parafusos de cor negra nos altifalantes; cortes nas asas laterais situadas no topo da caixa; novos terminais de ligação desenvolvidos especialmente para as DAW. Já no caso do módulo de médios/agudos, fabricado no material S e com mais 10% de volume que nas Sasha 2, as mudanças traduziram-se em: nova estrutura dos pontos de apoio e afinação; parafusos negros nos altifalantes; novo padrão de corte interno para diminuir vibrações; pórtico traseiro centrado para melhorar o fluxo de ar e a afinação; novos *tweeters* Synergy Mk5 e altifalante de médios, ambos idênticos aos utilizados nas WAMM; alinhamento temporal mais fácil de implementar, embora muito preciso – erro máximo de 8 milissegundos.

Em termos de características técnicas, destacam-se a resposta em frequência de 20 Hz a 30 kHz, ± 3 dB, a impedância nominal de 4 Ohm, com um mínimo de 2,48 Ohm a 85 Hz, e a sensibilidade de 91 dB/W/m. O peso atinge o muito respeitável valor de 107 kg e as cores disponíveis atingem um grau de diversidade quase infindável, desde o vermelho Imola ao negro-titânio ou ainda ao Black Moka, que me calhou em sorte nas colunas que

teste Wilson Audio Sasha DAW



estiveram em minha casa. No que se refere a volumetria, de todas as Wilson que testei, e estas foram as quartas, penso que as Sasha DAW têm um equilíbrio quase perfeito em termos de proporções, fundamentalmente quando comparamos largura e altura e, principalmente em relação às Alexia 2, são menos impositivas visualmente quando se olha para elas a partir do local de audição.

Audições

Depois de ter tido em casa em sequência os três mais recentes lançamentos da Wilson Audio (Sabrina, Yvette e Alexia 2), poderia optar aqui por uma de duas soluções – ou me limitava a repetir aquilo que já disse sobre os outros modelos ou então enveredava por descrever de um modo muito resumido em que é que as Sasha DAW são diferentes das outras. Em qualquer dos casos cometeria uma grande injustiça principalmente porque, por um lado, e por estranho que pareça, as DAW não têm assim tanto a ver com os modelos acima mencionados e, por outro, fazem coisas tão bem feitas que seria um crime não tentar explicar por palavras. E tentar é o verbo correcto porque esta é uma daquelas vezes em que me sinto em difícil-

dades para encontrar palavras que façam jus ao desempenho destas tão interessantes colunas.

Com alguma rotação, embora não muito significativa, as Sasha DAW entram em minha casa substituindo as QUAD ESL63 Pro no meu sistema habitual: prévio a amplificador de potência Constellation Audio Inspiration 1.0, leitor de CD's Acuphase DP-85, complementado na área digital pelo Roon Nucleus+ e pelo DAC/prévio iFi Audio Pro iDSD. Na frente analógica, como de costume, tinha o Basis Gold Debut com braço SME V Gold e cabeça Air Tight PC-1 Supreme. A cablagem era predominantemente da linha Select, da Kimber. A minha experiência anterior com as Alexia 2 tornou extremamente fácil a fase de afinação das colunas na sala: depois de alguns dias de rotação, foi só encontrar a localização exacta, colocar os *spikes* inferiores (tinham viajado com as rodas originais), acertar de maneira precisa o encaixe do *spike* da «cabeça» superior da coluna na «escada» posterior, de acordo com a distância de audição até ter um equilíbrio temporal e espacial perfeitos, *et voilà*, toca a ouvir música.

Ouvir a faixa 1, *St. Thomas*, do disco *Alone Together*, de Jim Hall juntamente com Ron Carter, é algo quase indescritível, é mesmo de ouvir para crer. De facto, ouvir a guitarra a dialogar com o contrabaixo num disco que já escutei umas largas centenas de vezes, não apenas no meu sistema mas também quando o meu filho o tocava quase todos os dias, é algo que nos deixa totalmente rendidos ao valor musical da obra e à maneira como as DAW a apresentam perante nós. Apenas como uma informação que descreve, apesar de tudo, não mais que uma pequena parcela de tudo aquilo que elas fazem, digo desde já que jamais ouvi um contrabaixo a ser reproduzido de uma aneira tão perfeita por umas colunas, fosse qual fosse o seu preço. As DAW parece que foram feitas para reproduzir de maneira mesmo perfeita tudo o que é percussão, ou seja, foram afinadas como um instrumento musical sem preço até que cada nota saísse tal como ela é, sem tirar nem pôr nada. Claro que esta afinação, chamo-lhe assim à falta de melhor termo, não acontece apenas com o contrabaixo, acontece com a guitarra, o piano, o violino, a voz humana, enfim, o que está certo tem que estar certo num largo espectro e não apenas numa situação muito particular. Menciono o contrabaixo porque é um instrumento fundamental neste disco e porque soa tão bem que quase parece termos o instrumento real ali na nossa frente. A grande alegria e gozo musical destes dois grandes músicos é um presente extra, a tal ceija em cima do bolo musical, algo que só

umas grandes colunas conseguem fazer.

Continuando no *jazz*, saliento agora *Like Someone in Love*, do disco com o mesmo nome de Art Blakey and the Jazz Messengers. Ouvir um trompete bem tocado é algo que qualquer amante de *jazz* aprecia de sobremaneira, principalmente desde que Louis Armstrong popularizou este instrumento nos anos 60, já que antes disso era considerado assim como que um instrumento menor. Pois com a gravação da Blue Note a performance das Sasha DAW faz da audição desta faixa um acto sublime de prazer e envolvimento, com, ao mesmo tempo, um diálogo notável entre o piano de Bobby Timons e o contrabaixo de Jymie Merrit, isto, claro, sempre sob o «olhar atento» de Art Blakey e da sua bateria. Deixo já aqui bem claro que estas são umas colunas muito perigosas, e querem saber porquê? Porque têm um *je ne sais quoi*, uma arte de cativar que nos deixa cativos da sua capacidade de transmitir emoção e não apenas sons que deixam qualquer um que as oiça incapaz de sair de junto delas, e isto mesmo no caso de quem tem já muitos anos de audições de coisas boas a níveis de preços bem estratosféricos. Quase como que num contraste com a peça que acabo de mencionar, a faixa 4, *Sleeping Dancer Sleep On*, é uma extraordinária elegia ao grande *jazz*, com cada músico a entrar com verdadeira verbosidade no momento musical em curso, «dizendo» aquilo que tem a dizer», mas indo um pouco mais além, coisa que o poeta não conseguiu («Um pouco mais de azul – eu era além. [...]», dizia Mário

de Sá Carneiro), e transmitindo-nos sensações de pura alegria e envolvimento como se, mesmo não sabendo tocar qualquer instrumento musical, como é o meu caso, nos sentíssemos mais um daqueles músicos, senão tocando, pelo menos abanando o pé e a perna sentados no meio deles, tal a alegria que transparece da interpretação e da sua reprodução através destas duas peças únicas e excepcionais.

Como um grande instrumento musical, tipo um violino Stradivarius, as Sasha DAW não se limitam a reproduzir música, vão muito mais além, vão ao âmago da questão e tocam naquela pequena parte do nosso cérebro que espoleta (parece que é assim que agora se tem de escrever o que sempre aprendi como despoleta) as raízes das nossas emoções e nos faz ouvir e sentir, quase cheirar, a música. Ouvindo estas colunas percebe-se facilmente porque é que a televisão tridimensional não vingou. E não era só porque os óculos são um grande empecilho, ou talvez seja por isso mesmo – o facto de termos um dispositivo tecnológico em frente aos nossos olhos embota-nos o discernimento e perturba-nos a capacidade de apreensão da tal dimensão extra que ajuda a ter um simulacro de um efeito tridimensional. Não, as Sasha DAW provam pura e simplesmente que não são necessários «implantes» extra para termos capacidades de apreensão e compreensão multidimensionais. Basta sentarmo-nos em frente delas para seremos envolvidos por um conjunto tal de emoções multissensoriais que desafiam aquilo que a ciência tenta explicar há



teste Wilson Audio Sasha DAW



tantos anos. Os escritores de ficção científica andam há muitos anos a desenvolver ideias sobre mundos alternativos noutras dimensões, pois talvez as DAW sejam um bom instrumento para nos deleitar com essas experiências sem termos de sair deste mundo que, com todos os seus defeitos, é aquele onde queremos estar e dele desfrutar o mais possível, quer em termos de extensão temporal quer no que se refere à fruição de cada momento. Parafaseando o que dizia Álvaro de Campos na *Tabacaria*, e adaptando as suas imortais palavras ao caso vertente, poderia dizer: Ouçam música nas DAW, olhem que não há mais metafísica no mundo senão música assim reproduzida. Espero que me desculpem o atrevimento, mas o prazer de audição destes transdutores únicos desviou-me a verve para o lado da poesia. Atrever-me a usar aqui as palavras de um poeta tão brilhante será certamente considerado excessivo por alguns dos que me lêem, mas espero ser desculpado pela atenuante de tal poder provir da euforia emocional causada pelas «meninas» alvo deste teste.

Vale a pena ouvir a faixa *Goldfinger*, o tema principal do filme homónimo de James Bond, do disco *Small Town*, de Bill Frisell e Thomas Morgan, com a inconfundível sonoridade dos velhinhos The Shadows. Esta sonoridade foi algo que me ficou indelevelmente marcado na memória, depois de ter assistido na minha adolescência a um ou dois filmes com Cliff Richard e os Shadows num cinema ao ar livre em pleno Verão, no Algarve, e de ouvir vezes sem conta peças tais como *Telstar*, transmitidas na rádio de então. A guitarra de Bill Frisell soa bonita, articulada, melo-

diosa, com um ritmo cativante, e o baixo faz uma parilha perfeita com ele, intervindo não mais que o necessário para conferir o ritmo e enquadramento perfeitos. Um verdadeiro gozo musical que recomendo a todos que ouçam, de preferência nas Sasha DAW mas, se tal não for possível, no seu sistema. Esta é música no seu melhor e, como tal, para ser apreciada em si, de preferência ao seu melhor nível, mas não obrigatoriamente assim – a boa música merece os melhores equipamentos electrónicos que lhe possam ser servidos mas não lhe caem os parentes na lama se for ouvida em condições abaixo das ideais.

E continuo a minha descrição de alguns dos bons momentos passados com as Sasha DAW falando agora de outros estilos musicais, no caso vertente a música clássica. E resolvi reouvir uma peça que já não ouvia há algum tempo mas que é extremamente bela e da qual tinha quase a certeza de que tocaria na perfeição com estas colunas. Trata-se do concerto para violoncelo de Elgar, interpretado por Sol Gabetta em conjunto com a Orquestra Sinfónica Nacional da Dinamarca. A abertura desta peça começa com uma das apresentações mais ricas em termos tonais que conheço do som de um violoncelo, com uma textura rica e audaciosa, uma riqueza tonal quase voluptuosa e com um delinear quase perfeito dos detalhes mais ínfimos. O mesmo se passa no lado da orquestra, como é evidente de imediato na abertura da Introdução e do Allegro, com uma identificação imediata por parte do ouvinte da articulação individual dos diversos instrumentos dentro da secção de cordas sem qualquer indício de fragmentação dessa

mesma secção. E achei que era tempo de dar algum «ar» aos meus discos de vinilo e escolhi então mais um dos meus preferidos e não muitas vezes ouvido, o Concerto para Piano, Violino, Violoncelo e Orquestra de Beethoven, numa gravação da Deutsche Gramophon, com a Orquestra da Rádio de Berlim. Como foi agradável apreciar uma das grandes gravações da DG, com uma imponência e um calor orquestral que poucas colunas conseguem reproduzir, ao mesmo tempo que ficávamos quase em comunicação íntima com os três solistas sempre que cada um deles, tal como se estivessem num grupo de jazz, intervinha e dizia de sua justiça. O piano e o violino soam verdadeiramente sublimes, o primeiro com uma clareza quase cristalina e o segundo a manifestar uma sedutora sedosidade. Estava mais que visto que as Sasha DAW e o vinilo casam perfeitamente entre si. E fechei em beleza com Roger Waters na canção *5.06 AM (The Pros and Cons of Hitch Hiking)* com uma energia que seguramente causou impressão em alguns dos meus vizinhos tal foi o gozo de elevar o volume para níveis já pouco domésticos, principalmente durante o «diálogo» entre o coro e a bateria, mas também quando da intervenção virtuosa de Eric Clapton, quer logo na entrada quer um pouco mais adiante.

Conclusão

Poderia estar aqui páginas e páginas a falar sobre as Sasha DAW, correndo o risco de ultrapassar a quilométrica extensão do meu teste sobre as QUAD ESL63 que, com as suas 22 páginas, deveria constar do livro dos recordes *Guinness*, mas acho que o que disse até aqui é prova e razão mais que suficientes para que quem me leu faça os possíveis e impossíveis por ouvir esta obra-prima (ou será mais *opera secunda/secundo opus*, depois das Alexia 2?) de Daryl Wilson. Tem uma combinação de qualidades difíceis de encontrar em conjunto mas, muito mais que isso, como digo no título deste teste, são quase incomparáveis na arte de trazerem até nós a emoção da música, um bem a que não se pode atribuir nenhum preço porque está para além das coisas físicas, joga mais com a nossa alma. Julgue-as quem as puder julgar, eu fundamentalmente apreciei-as (e muito) e a mais não me atrevi.

Colunas Wilson Audio Sasha DAW

Preço 46.900 euros

Representante Imacustica

Telef. 225 194 180 / 216 063 393

www.imacustica.pt